

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.178.17

Cruzinho amigo,

Já pensou reproduzir e  
imortalizar a Torre de S. Lourenço  
(na verdade "San Lourenço", pois foi e-  
dificada por um "Felipe"...) da Bar-  
ra em sua obra?

É — jesus — uma das mais  
super-realistas existentes em Portugal...  
Ou não? Abraço eterno! Tito

Este é um texto meu homenageando Pessoa que não lhe é grata, mas breve sairá (oijo) talvez minutos sobre a sua obra. Não deixe de o coletar com a 2ª versão — ampliada e muito + super-realista.



ANDRÉ  
QUICÉ  
EDITOR

# cultura das Cidades

Tito  
(nos  
museus)

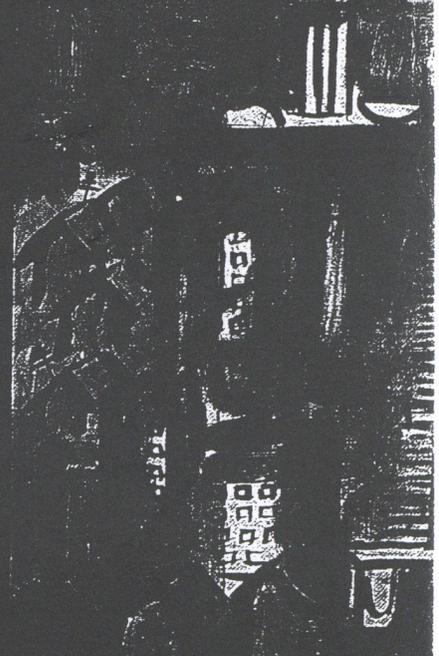
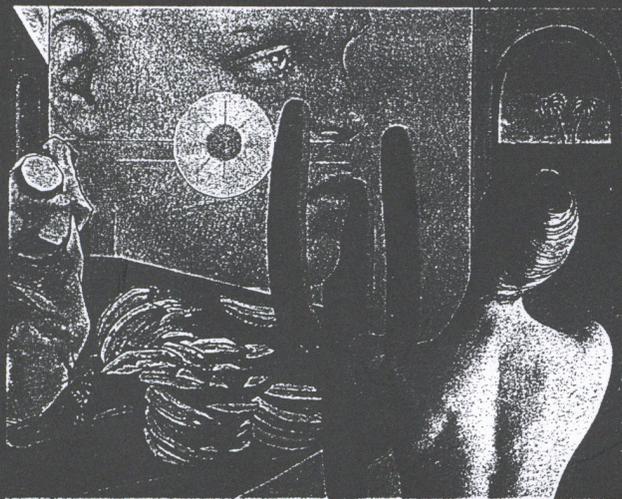
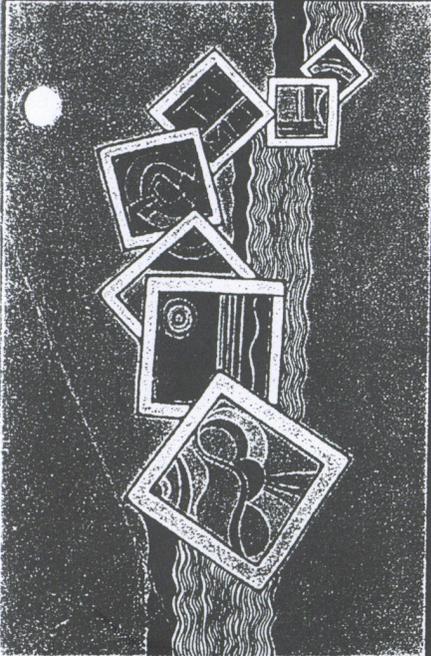
no 1 • número 3 • abril/junho de 1997 • 96 p.

UNIVERSIDADE DE EVORA  
Arquivo FCS 2

01.175-17



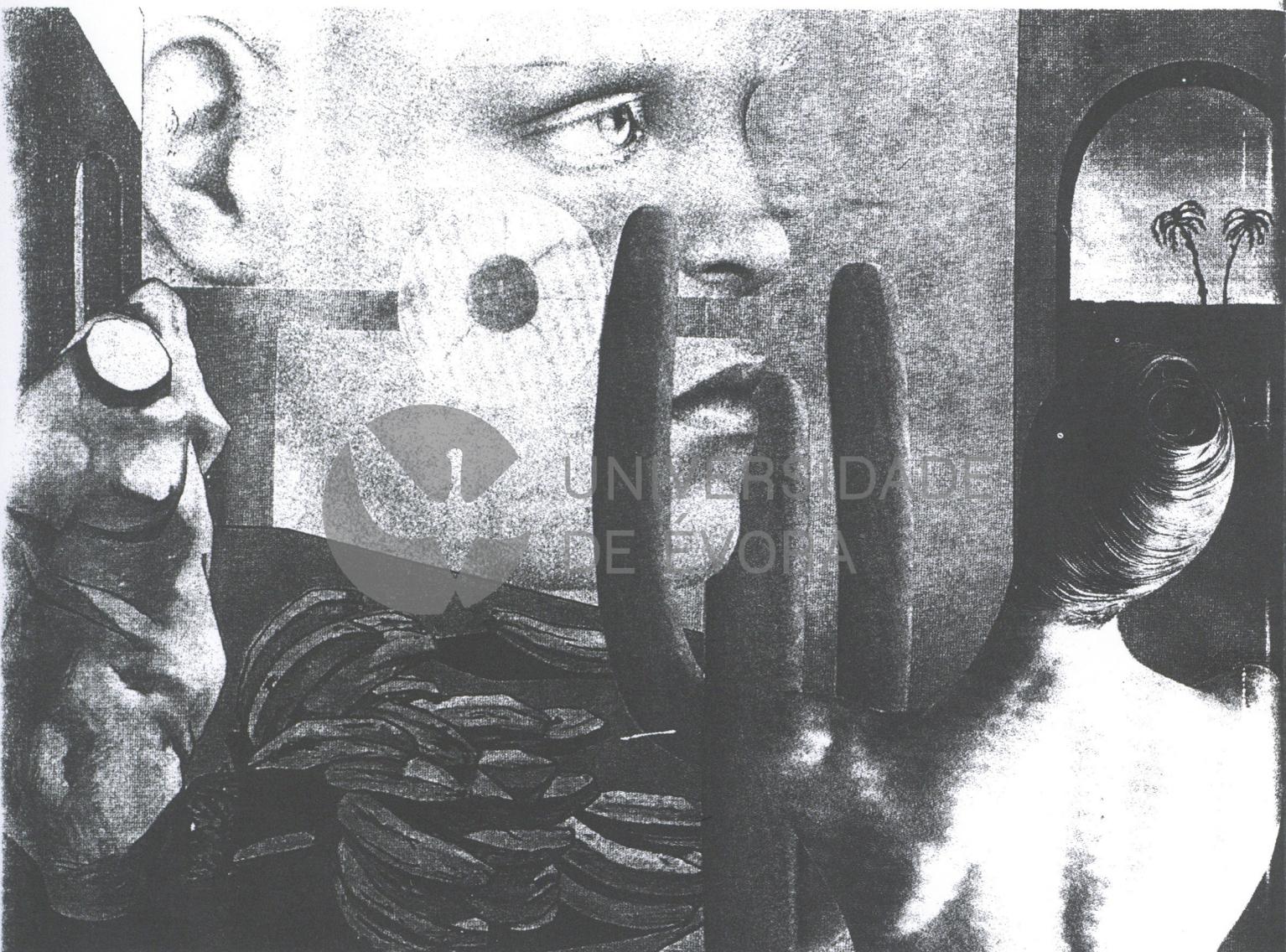
UNIVERSIDADE  
DE EVORA



A ARTE E SEUS AMBIENTES por José Aparício de Oliveira • A CANDIDATA, VERA DUARTE / Entrevista  
SE FOR MINISTRO, FAÇO / Entrevista com Ziraldo • SOBRE HUMBERTO MAURO por Wladimir Carvalho  
O IDEAL DA COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA por Cassiano Nunes • O SONHO É NOSSO por Alan Viggiano  
O SONHO QUE TERMINOU POR SER CONSPURCADO por José Hélder de Souza • SURREALISMO / Artigos

# SURREALISMO

AUTO ALTHOFF



É voz corrente que, entre nós, o Surrealismo não teve grande fortuna e, neste sentido, salvam-se escassas menções ao Jorge de Lima ou Murilo Mendes da primeira hora modernista e raras expressões plásticas. Entretanto, mais recentemente, em São Paulo e outros estados observam-se manifestações importantes em que a estética ou a temática surrealista ocupa lugar de destaque. Entre os nomes significativos figura o cearense Floriano Martins, a quem damos a palavra

nesta revista mediante o notável ensaio que, em março de 1995, ele publicou no jornal O Povo, de Fortaleza, CE (Ano I - N.º 42), sobre as escrituras surrealistas na América hispânica. Completa a informação preciosa um texto do escritor Tito Iglesias, compostelano lusobrasileiro que há décadas vem enriquecendo a língua portuguesa com marcantes contribuições no campo desse movimento surgido na França dos nossos dias. (J.S.N.)

61.178.12

## MEU MONUMENTO NO BUGIO AO NAVIO DE ESPELHOS \*

TITO IGLESIAS

*"Se houvesse uma chave para abrir esta história de espelhos deitados ao longo da praia" — Mário Cesariny (Portugal)*

*"Tudo que não invento é falso" — Manoel de Barros (Brasil)*

Ao prestigioso escritor e professor universitário brasileiro Cassiano Nunes, de ascendência lusa — cuja amizade transatlântica, vista de baixo, contemplada do alto das minhas frágeis e improvisadas andas da escribomania muito me alegra e desvanece, a ponto de ameaçar desequilibrar-me, com estrépito — dedico este fragmento super-realista.

### O meu plano do monumento no Bugio

Esperamos que o homem do século XXI — mais lúcido e sensível, apesar da "presumível" consolidação da inegável ditadura da comunicação social — erga ao César Iny, monarca da poesia lusíada de aquém e de além mar, após o imperador Fernando (Pessoa) I e Único, um magno monumento naval, de que deixo aqui um verbal esboço. Imagino o "navio de espelhos" de Cesariny encalhado e luzindo, faiscante, na misteriosa Torre de S. Lourenço da Barra, quase sempre designada por Torre do Bugio, mandada construir na foz do grande rio peninsular, nascido em Espanha, por um espanhol, o rei Felipe II, que foi pulcramente retratado por Ticiano, e se metamorfoseou, em Portugal, sob o nome de Filipe I, onde unânime e anonimamente o pintaram como usurpador...

Insólita nave-escultura por mim projectada como homenagem marítima ao adamastor lisboeta do surrealismo, Mário Cesariny, a qual "Ao crepúsculo espelha/sol e lua nos flancos".

### Reflexo do navio de espelhos

Confidencia-nos o seu criador: "O poema que começa por 'O navio de espelhos / não navega, cavalga...' nasceu em Londres no ano seguinte (1965, parêntese meu) e está em 'A cidade queimada' como fulgor liberto do incêndio. E como resgate. Como acontecimento (como fenómeno) (como voz) (e como forma: do enredado) não vejo na poesia portuguesa coisa que se lhe compare. Posso dizê-lo porque não fui eu que o escrevi, no sentido habitual, autoral, do escrito: foi-me ditado".

Registo -- atónito — que, visto do lado do cais onde me encontro, singra este poema debai-

xo de um céu dissoluto e sob um rufar estranho. Retumba sempre na minha mente um seu fragmento:

“Quando chega à cidade  
nenhum cais o abriga

(O seu porão traz nada  
nada leva à partida)

Vozes e ar pesado  
é tudo o que transporta

(E no mastro espelhado  
uma espécie de porta)

Seus dez mil capitães  
têm o mesmo rosto

(A mesma cinta escura  
o mesmo grau e posto)”

E o estro do poeta português cavalga, ao lombo e ao longo da escrita automática, e de modo terrífico, os seus trinta e cinco versos!

#### Sereias e espelhos

Contam-me pescadores da Cruz Quebrada que sereias eram vistas, nos rochedos onde se edificou a atrás referida Torre do Bugio (também conhecida pelo heterónimo aparentemente incompreensível de Torre da Cabeça Seca, o qual pode girar na rotatória esfera amilar de todas as conjecturas) e onde se ergueu, quase dois séculos depois, o farol que a coroa e alumia, mirando-se estas divindades marítimas, com suas opulentas ancas, e seios de mulher, e a sua flexível cauda de peixe, no navio de espelhos saído dos estaleiros de Cesariny, mas apenas durante a eclosão dos primeiros raios solares. Depois, mergulhavam, lestras, ocultando-se nas neptunianas águas, turvas ou fundas, até à alvorada seguinte.

Para evitar mais naufrágios na barra do Tejo — porquanto os marujos lusos só queriam entrar ou sair ao raiar da alba, e todos se apinhavam sempre, incluindo o homem do leme, do lado da amurada mais próxima do Bugio, onde apareciam, seminuas, as sereias, fazendo virar as suas embarcações... — ordenou el-rei que se quebrassem os altos espelhos que revestiam os costados do navio, estilhaçando-os com grandes martelos de ferro e dissuadindo assim o narcisismo das elegantes e anfíbias criaturas que ali se remiravam, cada amanhecer. Estas nunca mais apareceram, pois abominam, feminilmente e ainda hoje, qualquer violência contra os espelhos...

De tágides não se tratava, sem equívoco! Pois cada uma delas cobre sempre o seu seio direito com um pano preto, desde que Camões, que

as distinguiu e exaltou entre as europeias ninfas, perdeu para sempre a visão do mesmo lado. E estas ostentavam, desnudos, ambos os juvenis mamilos erectos.

#### Neptuno, Isaltino e Fellini

Consta que Neptuno, deus dos mares, com publicidade oceânica paga pela mitologia romana, e Isaltino Moraes, autarca do concelho de Oeiras, e menos barbudo que o primeiro (ao qual acalmou, proporcionando-lhe ampla piscina), disputam ambos a insua do Bugio.

O deus neptunino sempre apoiado nas urnas para os votos pelos seres mitológicos fluviais e marinhos, os quais não evoluíram desde a antiguidade e quase desapareceram. E o segundo vitoriado pelos humanos, atentos às suas concretas realizações — numa coerente linha pombalina — entre elas a de uma ampla biblioteca panorâmica, perto da barra, frequentada por algumas sereias, que ali agora podem tomar o seu banho solar de cultura.

Sempre me pareceu, ao longe, ao longo da linha de Cascais, a Torre do Bugio um pesado navio, imóvel e enigmático. No início dos anos oitenta, pude confirmar, num cinema de Brasília, que a ilhota era reproduzida, cenograficamente, no vultoso do ameaçador navio de guerra de “E la nave va...”, do gigantesco Fellini.

#### A barra do surrealismo

Para substituir as luzes e clarões daquele navio de espelhos, desenhado, no inconsciente, por Mário Cesariny de Vasconcelos, que só nasceu muito depois, em 1923, mandado foi erigir e implantar o farol do Bugio pela voluntariosa e previdente mente pombalesca, farol que divide o Tejo — de um lado navegável e inteligível para a maioria, do outro padecendo de assoreamento causado pela fertilíssima imaginação superrealista, onde encalham ou naufragam sempre, sempre, os espíritos convencionais, burocráticos ou mediocres, os detectores de anacronismos, os anões do óbvio e os Dupond & Dupont da política (contando-se entre os naufragantes vários presidentes...)

Tentem entrar ou sair sem piloto desta barra traiçoeira, deste meu Tejo assoreado por palavras e ideias...

(Excerto do texto surrealista “Em Lisboa, esperando o sismo...”)

\* *Tapada do Mocho, em Paço de Arcos, 25 de Maio de 1996. (última versão, 1997.)*

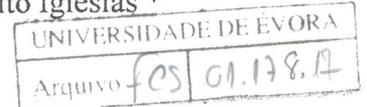
\* *A pedido do Autor, manteve-se a ortografia oficial portuguesa.*

Para a leitura de Cruzes Seixas,  
Dilata e diversifica muito a primeira versão  
publicada. Tenho uma terceira sem Cesariny...

## O MEU MONUMENTO NO ILHÉU DO BUGIO AO NAVIO DE ESPELHOS

Tito  
(20/97)

Tito Iglesias \*



“ Se houvesse uma chave para abrir esta história de espelhos deitados ao Tongo da praia “

Mário Cesariny (Portugal)

“Tudo que não invento é falso”

Manoel de Barros (Brasil)

Ao prestigioso escritor e professor universitário brasileiro Cassiano Nunes, de ascendência lusa - cuja amizade transatlântica, vista de baixo, contemplada do alto das minhas frágeis e improvisadas andas da escribomania, muito me alegra e desvanece, a ponto de ameaçar desequilibrar-me, com estrépito - dedico este fragmento super-realista.

### Cidades com seu espelho fluvial

Uma cidade à beira de um rio é qual mulher que se contempla e remira num espelho: duplica assim, como por encanto, a sua beleza!

Considerem como exemplo, na Península Ibérica, para não ter de enxergar mais longe, duas capitais imperiais de antanho - Toledo, com seu curvilíneo espelho de toucador, e Lisboa, fitando-se esta num amplo espelho de corpo inteiro. Serve-lhes a ambas, para receber o seu fidelíssimo reflexo, o corpo nu e líquido do Tejo, ora em sua grácil meninice toledana, ora na exuberância lisboeta, com suas ancas de mulher-estuário.

### O meu plano do monumento no Bugio

Esperamos que o homem do século XXI - mais lúcido e sensível, apesar da provável consolidação da inegável e por vezes insolente ditadura da comunicação social - erga ao César Iny, monarca da poesia lusíada de aquém e de além mar, após o imperador Fernando (Pessoa) I e Único, um

magno monumento naval, de que deixo aqui um verbal esboço. Imagino o “navio de espelhos“ de Cesariny, construído nos estaleiros da mui célere mente deste poeta, enalhado e luzindo, faiscante, na misteriosa Torre de S. Lourenço da Barra, a meio do Tejo, quase sempre designada por Torre do Bugio, mandada construir na foz do grande rio peninsular, nascido em Espanha, por um espanhol, o rei Felipe II, que foi pulcramente retratado por Ticiano, e se metamorfoseou, em Portugal, sob o nome de Filipe I (mudando-se uma vogal e um número ordinal, apenas), onde, unânime e anonimamente. o pintaram como usurpador...

Insólita nave-escultura por mim projectada para se edificar no ilhéu do Bugio, como homenagem fluvial e marítima ao adamastor lisboeta do surrealismo, Mário Cesariny, a qual “Ao crepúsculo espelha / sol e lua nos flancos “.

### Reflexos do navio de espelhos

Confidencia-nos o seu criador: “O poema que começa por “O navio de espelhos / não navega, cavalga “ nasceu em Londres no ano seguinte “(1965, parêntese meu) e está em “A cidade queimada“ como fulgor liberto do incêndio. E como resgate. Como acontecimento (como fenómeno) (como voz) (e como forma: do enredado) não vejo na poesia portuguesa coisa que se lhe compare. Posso dizê-lo porque não fui eu que o escrevi, no sentido habitual, autoral, do escrito: foi-me ditado.“

Registo - atónito - que, visto do lado do cais onde me encontro, singra este poema debaixo de um céu dissoluto e sob um rufar estranho. Retumba sempre na minha mente um seu fragmento:

“Quando chega à cidade  
nenhum cais o abriga

(O seu porão traz nada  
nada leva à partida)

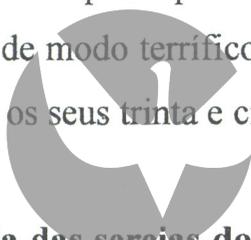
Vozes e ar pesado  
é tudo o que transporta

(E no mastro espelhado  
uma espécie de porta)

Seus dez mil capitães  
têm o mesmo rosto

(A mesma cinta escura  
o mesmo grau e posto)“

E o estro do poeta português cavalga, ao lombo e ao longo da escrita automática, de modo terrífico, e sob um rimado rumor de trovões, em dia de borrasca, os seus trinta e cinco versos!



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

**A lenda das sereias do Bugio, segundo o seu fabulista, o lascivo<sup>1</sup>  
Iglesias, escritor da terceira idade.**

Contam-me pescadores da Cruz Quebrada (estranho topónimo) que sereias eram vistas, de manhãzinha, nos rochedos onde se edificou a atrás referida Torre do Bugio (também conhecida pelo heterónimo aparentemente incompreensível de Torre da Cabeça Seca, o qual pode girar na rotatória esfera armilar de todas as conjecturas) e onde se ergueu, quase dois séculos depois, o farol que a coroa e alumia. Miravam-se sempre estas divindades marítimas, com suas largas ancas, firmes seios de mulher, e flexível cauda de peixe, no navio de espelhos saído dos estaleiros mentais de Cesariny, ali encalhado, mas contemplando-se apenas durante a eclosão dos primeiros raios solares. Depois,

---

<sup>1</sup> Ao autodenominar-me “lascivo”, neste subtítulo, recorro ao leitor que tal adjectivo abriga duas acepções, sob o tecto do mesmo vocábulo, como seres humanos bem diferentes, e terá sempre a liberdade de eliminar aquela que menos se ajuste à sua interpretação do contexto.



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

mergulhavam, lestras, ocultando-se nas neptunianas águas, turvas ou fundas, até à alvorada seguinte.

Não era o canto das sereias (estas permaneciam silenciosas), mas a sua seminudez, harmónica, rósea e prateada, dividida pelo equador da cintura, a que atraía e desvairava a marinhagem, que, junto ao Bugio, a bordo e navegando, ali passava.

A verdade consistia em que os lusos marujos só queriam entrar ou sair de Lisboa ao raiar da alba, e todos eles, para aproveitar a gratuita e erótica aparição matinal das sereias - sobreexcitados e com desmedido alarido - se apinhavam na amurada mais próxima da minúscula ínsula, onde faziam a sua periódica e fugaz aparição as aquáticas e belas divindades. E quase sempre ali, com o peso da tripulação todo de um só bordo, as embarcações se adernavam, virando-se por completo, no auge dos assobios, excitação e gritaria. Afogavam-se então no seu bojo, que passava a ficar submerso, e com o casco virado por inteiro, vários de seus tripulantes. Pois até os timoneiros, súbita e inesperadamente, abandonavam - como adúlteros - os seus lemes, com os quais se encontravam, havia lustros, consorciados - deixando desgovernados os barcos, e à mercê das correntes, logo que, à distância (alertados pela grita dos gajeiros e de outros nautas, melhor colocados) as sereias enxergavam.

Naqueles tempos, sucediam-se consecutivos naufrágios na embocadura do principal rio da Ibéria - inexplicáveis, considerando-se a relativa mansidão de suas águas - o que já começava a alarmar a corte inteira, e dizimava, manifestamente, a real frota.

E não só em atenção aos filhos, mães e viúvas dos mareantes afogados, ficavam as causas destas enigmáticas perdas de navios envoltas num quase inviolável secretismo, mas também para não mais atrair estrangeiros às lusitanas águas, apagados eram, um a um, do meticuloso registo da lusa história trágico-marítima, os nomes das unidades perdidas junto ao Bugio, e suas causas, tarefa a cargo dos submissos cronistas do reino.

Consequentemente, e perante tais tragédias navais, ordenou el-rei, correcta mas secretamente informado, que se quebrassem os altos espelhos que revestiam o costado do reluzente navio encalhado, estilhaçando-os com grandes martelos de ferro, até os reduzir a minúsculos fragmentos, apenas a resíduos espelhantes. Dissuadindo e afugentando, desta guisa, o narcisismo das elegantes e anfíbias criaturas, que ali, até então, se examinavam, cada amanhecer. Foram assim desta sábia e pacífica maneira enxotadas, para não repetir tais hábitos, mui prejudiciais à boa navegação, nunca mais aparecendo nos rochedos onde edificada fora a Torre de São Lourenço da Barra, pois abominam, feminilmente e até hoje, qualquer violência contra espelhos, os quais, como por magia, reproduzem com fidelidade, as suas tridimensionais e curvilíneas formas. Coerências próprias de sereias ...

De tágides - embora aparentassem sê-lo, pelo território, rio onde nadavam e graciosidade - não se tratava, sem equívoco! Porquanto, cada uma daquelas cobre sempre o seu seio direito com um pano preto, desde que Camões, que as distinguiu e exaltou, entre as europeias ninfas, perdeu para sempre, a visão do mesmo lado! E estas ... ostentavam ambos os juvenis mamilos erectos, mas desnudos, suspeitando-se que fôssem - segundo murmurações simultâneas dos fidalgos de Oeiras, senhores de Paço d'Arcos e peixeiros de Caxias - seres naturais da estranja, e nórdicas, pelas dourada cabeleira e sua epidérmica brancura ...

**O firme amor da grega sereia Teodora por um português defunto, exemplarmente relatado por um galego**

Jornalistas e escritores das mais díspares idades há que cogitam capturar - e secreta, premeditada e hipocritamente seduzir - ondulantes e atraentes sereias, tentando apresá-las com máscula brutalidade, através de um pequeno arpão, ou recolhê-las na sua áspera (eles não o sabem ...) rede de palavras.

Pesada ingenuidade e ignaro provincianismo que os afundam e afogam quando delas se aproximam, revestidos de toscos escafandros verbais ... Justo afogamento que pune uma casta pretensiosa e estulta entre a multidão dos escritores, encontrando-se esta última raça quiçá em extinção (ou procedendo-se à selecção das espécies?).

Mas descobri, já poeta idoso (asno velho, como eu, não mais aprende mitos: inventa-os!), assimilando a breve lição extraída da leitura de um subtil escritor e jornalista galego, atento astrónomo de longínquas lendas, minucioso e habilíssimo observador de sereias, chamado Álvaro Cunqueiro, como utilizar, no reino do pensamento e das palavras, o metamorfismo!

E, mais ainda do que me ocorrera, na infância, com o dinamarquês universal Hans Christian Andersen, subiu-me à tona do consciente, que só poderemos enlaçar tão deslumbrantes e fugidias criaturas, após havê-las atraído e fascinado com nosso canto poético. Logo, repudiando os lugares-comuns, as repetições e até carências de vocabulário; arpoando, desmascarando e exibindo os plágios, de capuz, ou de cara escandalosamente descoberta; omitindo as inúmeras banalidades, os provérbios de sandálias de solas muito gastas, após percursos populares de centúrias, usados em todas as carências literárias; desprezando as superfluidades, e até a gíria própria da ralé que, hodiernamente, alguns dos chamados jornalistas utilizam (até para intitular notícias, compor parangonas!); desdenhando a alheia utilização abusiva de títulos de livros e de filmes. Rejeitando, olfactivamente, os nacos prosaicos sem quaisquer guarnições de mascarilhas de mistério, ou narizes desmesurados de humorismo; e até desinfectando a presença, nas falas ou textos, de imundos palavrões, que se introduzem em nossas casas, verbalmente asseadas, com abuso tecnológico pelo buraco da fechadura do televisor...

Afortunadamente, nem todas as edificações da prosa albergam prosaísmos! E algumas daquelas há que até sabem subir, engrimpar-se nos azuis ... Colocar no lastro da prosa poderosas asas de poesia urge !...

2

O tão divulgado, embora para a maioria dos tímpanos inaudível canto sirénico, que atraía os navegantes, com o fim de fazê-los naufragar nos rochedos, nem era necessário entoá-lo nas costas portuguesas, pois os homens do mar destas paragens olvidavam todos os seus deveres, marítimos e conjugais, só para espiar os encantos físicos das sereias. E assim soçobravam os barcos, com total ociosidade por parte destas, que, para tal, não careciam sequer de trabalhos ou artifício...

Em contrapartida, também a rimada, ou não, voz dos poetas serve para aliciar as sereias, fazendo-as posar - seminuas e pensativas - no arquipélago de seus escritos.

Mas vou apresentar-lhes um destemido domador de sereias, seres anfíbios pela sua própria natureza, duplamente difíceis de convencer e de amansar...

Nado em Mondoñedo, minúsculo burgo do interior galego (terra próxima de Villalba, berço do intelectual Fraga Iribarne, não por capricho do acaso, mas por seu grande talento e credibilidade presidente da “Xunta” da Galiza), mas povoação com palpáveis tradições na vida religiosa, nas áreas musicais e de belas-letas, também na da arqueologia, significa Álvaro Cunqueiro Mora, segundo a conclusão do erudito e sagaz prosador e poeta santiaguês, José María Castroviejo, “*o valor poético mais alto com que conta hoje a nossa língua*”. Juízo que figura no seu inesquecível e antológico livro “*Galiza, guia espiritual de uma terra*”, volume onde até algumas lendas de fotografias que o ilustram, notáveis se revelam...

Opinião que, com fidelidade, coincide com a minha - longínqua e longamente meditada, proveniente de quem conheceu a poesia de três continentes, e também o elegeu entre amplo número de destacados escritores galegos, nunca havendo lido antes, em outrem, na verdade este parecer - tão concludente e laudatório - que se foi cimentando, ao longo de décadas de leitura e reflexão, em minha mente.

13

Com efeito, não só preserva e recria Cunqueiro as tradições e sentimentos do seu pequeno território do noroeste europeu, como restaura, com talento, a poesia de cancioneros galaico-portugueses, no bárbaro século XX, da utilização bélica do átomo, cinzelada pela sua mente e dedos de requintado mitógrafo; demonstra também, inequivocamente, ser um escritor de vanguarda, reinventando, as tradições com elegância e eficácia, aureolado quase sempre por originalidade ímpar. Sendo Cunqueiro, em suma e a meu ver, um dos maiores super-realistas ibéricos, ornado de um inusitado e penetrante sentido de humor e cingido, em copiosas produções suas, pela genialidade. Reparem nesta última palavra ousada, que, com serena equanimidade, reitero por escrito.

Numa sua obra-prima, faz o autor de *“Merlín e familia i outras histórias”* exclamar a helénica sereia viúva, D. Teodora, referindo-se ao seu defunto lusitano: *“Verdade é que não existe amor como o de um português”*, confissão que, inevitavelmente, envaidecerá elevada percentagem de machistas lusos. Embora este texto, ambigualmente, não destrinche se se trata de amor carnal ou platónico, como, com mais probabilidades, poderá ocorrer com sereias, interrogação que, imaginando a primeira hipótese, se me afigura de difícilíssima consecução, dentro das normas de cavalaria tradicionais, examinado o compacto, suponho, revestimento de escamas, abaixo da linha de cintura daquela criatura anfíbia. E, para avolumar mais as dificuldades, Cunqueiro, falando da anatomia da mulher-peixe (com discreta celeridade...), explica que esta nem sequer umbigo tinha...

Cogito eu que a evidente complicação nas núpcias com as sereias talvez explique o escasso número destas que aparecem hoje, como suas descendentes, nas páginas dos livros, quando os abrimos.

Mas, para que a imaginação do leitor não tente, pecaminosamente, solucionar este assunto melindroso, da junção física de um ser humano e de uma sereia, tentarei distraí-la e perturbá-la, indagando à queima-roupa:  
- Qual a cor dos cabelos deste ser maravilhoso terminado por rabo de

peixe? Teriam as sereias gregas cabelos verdes? Ou azuis, como a cor predominante no actual pavilhão do seu país? E, viúvas sendo, exibiriam insólitas cabeleiras roxas? Ou ltuosas, como, convencionalmente, mais acertado parece?

Fragmentário como sempre me revelo, e esbracejando, à deriva, na enxurrada palavrosa da ilógica escrita automática - toda a vez que relato ou urdo uma história, sempre eu resvalo nos pavimentos molhados da realidade...

Papagueando, sem cessar, como convém aos quentes matizes surrealistas, não vos esclareci afinal ainda sobre a cor do cabelo das sereias, ou, pelo menos, do desta viúva esplendorosa...

Mas tão elegante e femininamente nadam de bruços, boiam e ondulam as galaicas palavras, na harmoniosa piscina verbal de Cunqueiro, que sinto empenho em vo-las não apresentar vestidas e deformadas pelo traje regional de uma tradução, mas nuas, e em galego, tal como vieram ao mundo literário: "*I, ao decir isto, pasqu ambalas máns polo dourado e longo pelo, e foi coma pasar o arco do violín polas catro cordas ben afinadas*" (2).

Como possuo leitores e amigos meus que falam e escrevem, cultamente, alemão e inglês, mas não *catrapiscam* (descendo a falas regionais portuguesas) nada de galego, a não ser por semelhança e intuição, mostro-vos, no fim, uma tradução com uma *arrecada* cor de ouro na minha orelha e cabelos cingidos em *rabo de cavalo* (para tentar rejuvenescer a minha imagem de sexagenário, como também ridiculamente pretendem alguns velhos, imitando as modas destinadas a jovens). A imitação simiesca é, quase sempre, o motor da moda, também ocorrendo com idosos ...

Como me estou fitando, neste preciso momento, no espelho das confissões, salpicado de reminiscências, digo-vos que intuo que o tão pranteado defunto português se tratava dum fidalgo embarcado numa nau, por fortuna sua (...) encalhada nos penhascos do Bugio, e que, devido a

esse acaso, se apaixonou (porquê “perdidamente”, como sempre usam os escribas medíocres?) por uma sereia que, nessa exacta ocasião, apreciava a cor bronzeada da sua humana epiderme da metade superior, em contraste com a malha argêntea e brilhante da sua comprida cauda, no nico reluzente e quase desprezível de um espelho.

### Neptuno, Isaltino e Fellini

Consta que Neptuno, deus dos mares, com publicidade paga pela mitologia romana, e Isaltino de Morais, autarca do concelho de Oeiras, e menos barbudo que o primeiro (ao qual acalmou, proporcionando-lhe ampla piscina oceânica,) disputam ambos, geográfica, <sup>Poética</sup> e administrativamente, a atrás citada ínsua do Bugio.

O deus neptunino sempre apoiado nas urnas para os votos pelos seres mitológicos fluviais e marinhos, os quais não evoluíram desde a antiguidade e quase desapareceram, pagando até a admissão na piscina ... E o segundo vitoriado pelos humanos lúcidos, atentos às suas concretas realizações - numa coerente linha pombalina - entre elas a de uma ampla biblioteca panorâmica, perto da barra, frequentada por algumas sereias, que ali agora podem tomar o seu livresco banho solar de cultura.

Sempre me pareceu, ao longe e ao longo da linha do Estoril, a Torre do Bugio um pesado navio, imóvel e enigmático. No início dos anos oitenta, pude confirmar, num cinema de Brasília, que a ilha era reproduzida, cenograficamente, no vulto do ameaçador navio de guerra (couraçado? cruzador?) de “E la nave va...”, do gigantesco Fellini.

### Num tapete voador, de Oeiras a Brasília...

Aliás, a citada capital federal do Brasil, toda ela planeada, e inaugurada a 39 anos do século XXI, constitui uma prova palpável de que o mais ambicioso sonho se pode materializar! E no espaço seu surgiu uma plêiade cultural e de acção constituída por Antônio Carlos Osório; Santiago Naud; Abgar Renault; Rego Monteiro; Joaquim Cardoso;

Anderson Braga Horta; Carlos Fernando Mathias de Souza (ex-Director de Cultura do Distrito Federal); Lúcio Costa, um que empunhou a batuta da árdua e harmoniosa construção brasiliense, valor que não pode deixar de ser citado quando se recorda Niemeyer, mais célebre apenas este devido ao seu nome insólito ...; José Helder de Souza (prosador exímio e pai de uma fotógrafa de alto nível); José Godoy Garcia; Mendes Vianna; Herberto Sales; José Aparecido de Oliveira (ex-governador de Brasília, que já foi também embaixador em Portugal); Cassiano Nunes, professor universitário e polígrafo, hoje uma celebridade em Brasília; Alan Viggiano; o presidente eleito Tancredo Neves, tragicamente desaparecido, e seu sucessor José Sarney, um escritor-presidente; Napoleão Valadares, Kurt Pessek; Júlio César Gomes (médico), tal como o atrás citado Braga Horta, notáveis afirmações poéticas); Berecil Garay; Lina del Peloso; Cyl Gallindo; o onnipotente e famosíssimo, mas discutido, Oscar Niemeyer; Kori Bolivia; João Ferreira (nascido no norte de Portugal, naturalizado brasileiro e ex-professor titular da Universidade de Brasília); Oswaldino Marques; Gustavo Bandeira de Mello (finíssimo prosador-poeta ao qual um meu grave acidente de viação matou a homenagem literária que eu ansiava prestar-lhe em vida!); Ciro José Tavares; Hugo Mund Júnior; Aquino Ximenes (outro médico-poeta); o vate-diplomata Francisco Alvim; Joanyr de Oliveira; a pintora Naura Timm; Heitor de Andrade; António Guedes de Campos (engenheiro lusitano, radicado em Brasília, o qual, no seu regresso, venceu o prémio de poesia "Cesário Verde", da Câmara Municipal de Oeiras, em 1992); Márcio Cotrim; Margarida Patriota; Hermenegildo Bastos; Flávio Kothe; A. Fonseca Pimentel; Jarbas Passarinho, militar, inteligente e cultíssimo, membro da Academia Brasiliense de Letras, que me fascinou nas palestras que dele ouvi; Mozart Russomano; os consideradíssimos escritores Bernardo Élis e Mário Palmério; Josélia Costandrade; Danilo Lôbo; embaixador Dário Castro Alves; João Carlos Taveira; Asta-Rose Alcaide, viúva do célebre tenor português Tomás Alcaide; Domingos Carvalho da Silva, vate lusitano,

MENOTTI DE  
PICCHIA;

12

decano dos poetas do planalto central da nação filha; Alberto da Costa e Silva, diplomata de carreira e poeta, antigo embaixador brasileiro em Portugal; o ex-presidente Jânio Quadros; Nelson Carneiro; Cyro dos Anjos; Dinah Silveira de Queiroz; Emanuel Medeiros Ferreira; H. Dobal; Aglaia Souza; Brandi Aleixo; Jaime Câmara; Romeu Jobim; Marly de Oliveira, casada em segundas núpcias com o arquipoeta Melo Neto; o representante da igreja, Dom José Newton, arcebispo de Brasília; que faleceu enquanto eu ordenava estas notas; Esmerino Magalhães Júnior; o editor luso Victor Alegria; Adriano Kury; Clóvis Sena; a falecida poetisa Yolanda Jordão; Newton Rossi; o engenheiro Israel Pinheiro, firmemente na construção da nova capital, tio do advogado João Pinheiro de Lima, hoje residente em Lisboa; o bondoso jornalista Edilson Varela, inolvidável administrador do jornal "Correio Braziliense" (cujo nome reproduz a grafia de outrora) e seu poderoso colaborador, Ari Cunha; e, por fim, Juscelino Kubitschek - que será, historicamente, o maior de todos - o Homem que concretizou um sonho desmedido ..., o minucioso construtor de uma utopia.

Ausentes já da "nova capital" alguns - dos por mim atrás citados por haverem emigrado, outros, ainda menos numerosos, por terem já falecido.

Muitos mais, quer entre os valiosos e persistentes homens de acção, quer entre os notáveis seres do espírito - por não ter conhecimento directo deles, ou por nenhum relato confiável a seu respeito haver recebido, foram nestas linhas, por ignorância, omitidos. Nenhuma hierarquia, ou separação por castas, presidiu à sua escolha, nesta relação que, com rapidez, coligi. Por estados, predominam os mineiros, os cariocas e gaúchos, <sup>COMUNIDADES</sup> colectivamente inteligentes. Os muitos que, nesta página, faltarão, foram-no devido a lapsos de memória, ou desconhecimento. Nenhum, porém, deliberadamente. As mais francas desculpas, sem curvar a total e altiva independência minha, à Praça dos Três Poderes ...

A-propósito da pasmosa construção de Brasília, capital totalmente planeada e edificada num amplo espaço praticamente despovoado, qual a razão pela que se não ergue, também, um monumento reluzente ao "Navio

de Espelhos”, do armador Cesariny, na ínsula do Bugio? Que evocará o intenso e aromático fumo verbal de Fernando Pessoa, na “Ode Marítima”, a qual, a par da sua “Ode Triunfal”, e do excerto de ode em que chama antiquíssima à noite, deveriam constituir as páginas de cabeceira de todos os portugueses cultos.

Murmurou um dia Pessoa, naquela a que, meditadamente, chamo ciclópea “Ode Marítima”:

“Olho pró lado da barra, olho pró Indefinido,  
Olho e contenta-me ver,  
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando”.

Assim, veríamos todos de longe, materializada, a que parecia uma utopia, no citado ilhéu do Bugio, sisudo porteiro do Tejo...

### A barra do surrealismo

Para substituir as luzes e clarões daquele navio de espelhos, desenhado, no inconsciente, por Mário Cesariny de Vasconcelos, que só nasceu muito depois de que o barco por ele ao mar lançado, precisamente em 1923, mandado foi erigir e implantar o farol do Bugio pela voluntariosa e previdente mente pombalesca, torre que, à noite, com seu olhar luminoso, divide o Tejo - de um lado navegável e inteligível para a maioria, do outro padecendo de assoreamento causado pela fertilíssima imaginação super-realista, onde encalham ou naufragam sempre, sempre, os espíritos convencionais, burocráticos ou medíocres; os detectores de anacronismos; os inválidos do sentido de humor; os anões do óbvio; os Dupond & Dupont da política (contando-se entre os naufragantes vários presidentes...) e, última e sorridente a aparecer, por estar esmerando-se com a maquilhagem, ... Bianca Castafiore - a loura e verdadeira estrela que padece de gula mediática.

19

Tentem entrar ou sair sem piloto desta barra traiçoeira, deste meu Tejo assoreado por areais de palavras e ideias... Mas sempre envergando o indispensável colete salva-vidas da cultura... Sem esta, impossível será avistar sereias com seu triunfal corpo dividido: metade prosa, metade poesia...

Tito Iglesias

Tito Iglesias \*

(escritor reciclado)

Tapada do Mocho, em Paço de Arcos, segunda versão, concluída em Fevereiro de 1997.

P.S. (Porque escrever sempre P.S., Partido Socialista, quando se pretende acrescentar ainda algo ao texto? Porque não usar também, imparcialmente, P.S.D., Partido Social Democrata?): antes de escrever, como nos filmes de antanho, “the end” (o que já constituía, na minha precoce óptica infantil, um nítido pleonasma, pois após estas inglesas palavras, não aparecia mais nenhum rabo da história), explico que só pude divagar sobre espelhos, ao longo desta minha prosa espelhada, por não padecer, nem de leve, de *catoptrofobia*. E, voltando ao assunto anterior, que se me não apaga na mente, iluminado sem cessar pelo foco da curiosidade, esclareço que só logrei adivinhar como conseguiram consumir o, para outros trivial acto do casamento, a grácil sereia e o seu português amado, mediante a *catoptromancia*, que pratiquei, com êxito, durante o ensino básico. Pelo que *catoptromante*, embora quase iletrado nesta arte, me confesso, e despeço... E também não me julgueis “lascivo” com precipitação, sem, antes, folhear o esclarecedor dicionário, como urge ...

(2) Tradução - sereia (meio fiel, meio livre) de minha lavra: “E, isto dizendo, passou ambas as mãos pela dourada e longa cabeleira, e escutou-se, como que um roçar de arco de violino pelas quatro cordas bem afinadas.”

\* Tito Iglesias continua sendo espanhol, nascido em Santiago de Compostela, tendo acompanhado seus pais, apenas com dois anos, para o Monte Estoril, Portugal, onde seu avô era empresário, pouco antes de eclodir a guerra civil de Espanha. Viveu e trabalhou em Portugal, Espanha, França, Angola, Brasil (ali, quase 17 anos) e encontra-se, de novo, em Portugal, onde tem decorrido o maior período de sua vida.

Na sua juventude, avisado por um colega minhoto, chamado Marino, que lho confienciava sempre, soube que, no decorrer das numerosas aulas a que faltava, a professora de português do então curso liceal, admoestava os restantes condiscipulos, perguntando-lhes se não se envergonhavam de que um espanhol escrevesse português “melhor do que todos vocês juntos...”

Divulgou escritores portugueses em terras brasileiras, tendo vencido o “Prémio Apesul”, de poesia, evocando um deles.

Radicado de novo na nação lusa, sua obra em português, quase aqui desconhecida, continua a ser elaborada, incluindo a novela por publicar “O crime da Madame Baudier”, que, no seu início, evoca <sup>copiosamente</sup> a sociedade da Costa do Sol lusa, na sua infância. Dedicar-se também a promover escritores brasileiros de talento na Europa, mas não, na maioria, os “condecorados” pela cultura zarolhamente partidária de alguns políticos, ou a superficial de vários dos chamados jornalistas, que com os autênticos se misturam...